



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Impactante e inesquecível

A atual temporada está começando com dois espetáculos que se referem diretamente às enchentes de 2023: a Cia. de Arte de La Negra Ana Medeiros apresenta, inspirada no livro de Ítalo Calvino, *Cidades invisíveis*, a que ela denominou *Sete cidades*, que cumpriu recente temporada no Centro Cultural da Santa Casa; e o diretor João de Ricardo está encenando, com a Cia., Espaço em Branco, o último texto deixado pelo dramaturgo Julio Zanotta Vieira, *Colapso e Destruição da cidade de Porto Alegre*, que estreou no Porto Verão Alegre, e que agora cumpriu temporada no Teatro Renascença.

Nesta coluna, quero abordar o trabalho de Ana Medeiros, espetáculo de vídeo-dança com idealização, direção geral, coreografia, cenografia e identidade visual todas assinadas pela artista que é, também, arquiteta e urbanista de formação (o que ajuda a entender muito sobre este trabalho).

Trata-se, sem sombra de dúvida, do espetáculo mais ambicioso e mais bem acabado de Ana Medeiros que, inclusive, sem se distanciar da dança flamenca, enriquece-a com outros olhares e experiências, contando, para isso, com um grupo exemplar de bailarinas, de um lado e, de outro, uma equipe multidisciplinar admirável. Conheço e acompanho Ana Medeiros há muito tempo, mas este seu trabalho me emocionou e alegrou profundamente: poucos artistas teriam a competência e a sensibilidade para, misturando tantas coisas, produzir um trabalho absolutamente homogêneo e oportuno, que equilibra a perspectiva altamente poética com uma abordagem profundamente crítica.

O trabalho está dividido em sete quadros, como sugere o livro de Calvino, tendo cada um deles uma intérprete em destaque: Gretha, Cristina, Malena, Serena, Hannah, Atena e Leci. As interpretações são de Ana Candida, La Compañera (a ordem em que menciono os quadros e as bailarinas não tem necessária conexão); Bianca Benevenuto, La Señora; Emily Borghetti; Luciana Meira; Patrícia Correa, La Paloma e Thaís Virginia, La Sol.

Ana Medeiros, com a contribuição das próprias companheiras de espetáculo,

somou ainda fotografias de Tiago Antoniazzi, vídeos de Fábio Zambon, imagens de drones de Leo Medeiros, a trilha sonora de Paola Kirst e Tamires Duarte - do Coletivo Pedro Redonda - mais a iluminação de André Hannauer e a sonorização de Wagner Lagemann, e nos traz um espetáculo absolutamente inesquecível e inusitado. Conhecemos uma outra Porto Alegre, que se universaliza radicalmente, ora transportada pelos trens e viajando por suas passarelas e estações, ora avançando pelas avenidas e ruas alagadas ou atravessando espaços desérticos. Levei uns bons dez minutos para entender que estava diante de uma Porto Alegre subterrânea e escondida, repentinamente revelada para cada espectador, num resultado que, na junção de vídeo e de dança, sobretudo nas imagens em preto-e-branco, mais do que nas coloridas, nos obrigam a nos ensimesmar e indagar: o que estamos fazendo com nossa cidade? Um misto de surpresa por espaços que não reconhecemos num primeiro momento, valorizados de modo revelador, e tristeza, por reconhecermos outros espaços, bastante nossos conhecidos, totalmente destruídos.

A direção artística é de Everson Silva - e é importante ter um olhar

desde fora, para impedir que tudo isso, esta imensa riqueza de imagens, ideias e sentimentos, não se perdessem numa torre de babel, ganhando os sentidos que a artista queria efetivamente lhe emprestar.

Com financiamento da Política Nacional Aldir Blanc, *Sete cidades* é profundamente impactante. Por isso mesmo, deveria ser contratado pelas Secretarias de Educação municipais e estadual para ser apresentado em colégios, ou que as escolas viessem ao teatro para conhecê-lo. É absolutamente importante que os jovens sejam sensibilizados, já que a maioria dos adultos teimam no negacionismo sobre as questões e as consequências do meio ambiente.

*Sete cidades* foi um dos espetáculos de artes cênicas mais bonitos e mais impactantes que assisti, nesses muitos anos em que escrevo esta coluna e acompanho o movimento de nossos palcos.

*Poucos artistas teriam a sensibilidade de, misturando tantas coisas, produzir um trabalho tão homogêneo e oportuno*

## Família von Richthofen é alvo de documentário

Mais de duas décadas após o assassinato de seus pais, Suzane von Richthofen volta ao centro do debate público ao aceitar revisitar o próprio passado em um documentário da Netflix. A produção, que ainda não tem data oficial de lançamento, promete trazer a versão da própria condenada sobre o crime que chocou o Brasil em 2002.

As informações foram divulgadas pelo jornalista Ulisses Campbell, em reportagem publicada no jornal O Globo. Segundo ele, o longa exibido inicialmente em uma pré-estreia restrita, apresenta não apenas o relato de Suzane sobre o assassinato, mas também detalhes de sua vida atual e uma tentativa de reconstrução de sua imagem.

No documentário, Suzane descreve a própria infância como marcada por frieza emocional, ausência de diálogo e distanciamento afetivo. Segundo seu relato, a família vivia sob um clima de silêncio e cobrança constante, no qual ela e o irmão se tornaram, aos poucos, "invisíveis".

A condenada sustenta que esse ambiente contribuiu para o rompimento definitivo com os pais, Manfred von Richthofen e Marísia von Richthofen. Em sua versão, o relacionamento com Daniel Cravinhos vira elemento central nesse processo, ocupando o espaço emocional que, segundo ela, não existia dentro de casa.

O assassinato, ocorrido em 31 de outubro de 2002, é reconstruído sob a ótica de Suzane como o desfecho de uma escalada de tensões familiares. Ela afirma que a ideia do crime não surgiu de forma direta, mas foi sendo construída gradualmente, em meio a conflitos e ressentimentos.

Apesar de admitir responsabilidade, Suzane tenta se distanciar da execução. No documentário, afirma que não participou

diretamente das agressões, realizadas por Daniel e Cristian Cravinhos, embora admita ter permitido a entrada dos dois na casa e ter conhecimento do que aconteceria. "A culpa é minha", diz em um dos trechos.

Um dos momentos mais controversos envolve o relato da delegada Cíntia Tucunduva, que investigou o caso. Segundo ela, Suzane foi encontrada dias após o crime em uma situação incompatível com o luto, em uma cena descrita como perturbadora.

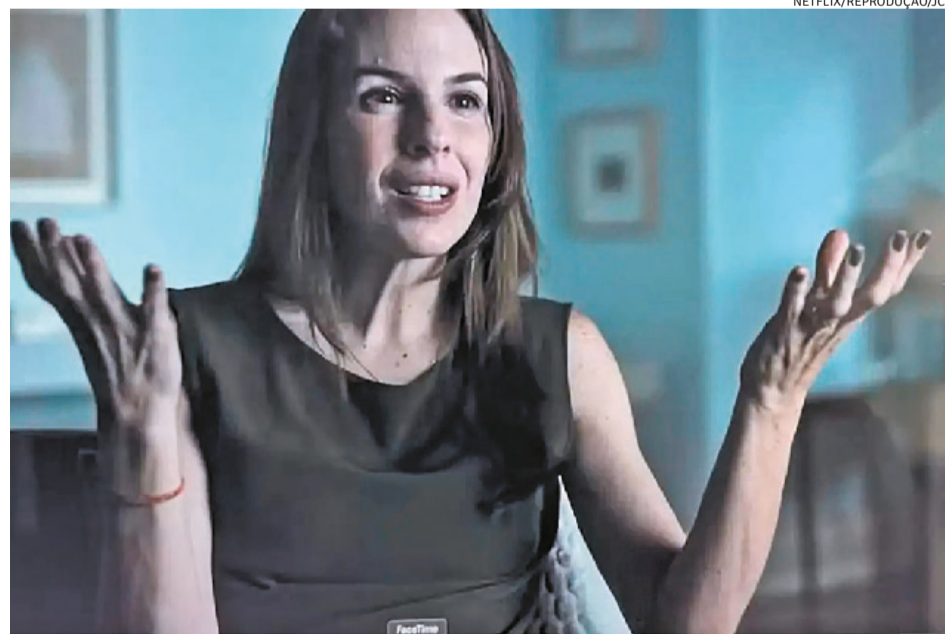
Suzane, por sua vez, nega essa versão e afirma que seria impossível realizar qualquer tipo de celebração na casa após o assassinato. O embate evidencia uma das principais críticas ao documentário: confrontar pouco as falas da entrevistada.

Entre os episódios destacados, Suzane relembra o período em que os pais viajaram para a Europa e ela passou a viver com Daniel dentro da casa da família. O momento é descrito por ela como de liberdade extrema, marcado por excessos e pela intensificação do relacionamento.

Além de revisitar o passado, o documentário também expõe a rotina atual de Suzane, que cumpre pena em regime aberto. Ela aparece ao lado do marido, o médico Felipe Zecchini Muniz, e do filho pequeno, em cenas que reforçam a tentativa de reconstrução de sua trajetória.

Ao longo da narrativa, Suzane afirma ser "outra pessoa" e tenta estabelecer uma separação entre quem era à época do crime e quem se tornou após anos de prisão. A maternidade e a religião seriam, diz ela, elementos centrais nessa transformação.

Mesmo antes do lançamento oficial, o documentário já circula entre grupos restritos e fãs de *true crime*, gerando forte repercussão nas redes sociais.



Produção, ainda sem data de lançamento, trará depoimentos de Suzane Von Richthofen